

DRUMMOND NA IMPRENSA: CRÔNICAS DISPERSAS (Drummond in Press: various chronics)

ABSTRACT

The aim of this paper is to present some initial ideas based on a research that took place in the Brazilian Literature Museum Archive of the Casa de Rui Barbosa Foundation about the chronics written by Carlos Drummond de Andrade and published in the Brazilian press between the years 1920 and 1980. The 1500 texts were written and published in several newspapers and magazines. Drummond started writing for newspapers very young and stopped three years before his death. Although he became famous for his poetry, the chronics are very important if we want to fully understand his work, not only because of the amount - more than 6000 were written - but because they present, in a colloquial way, his view on the world. It is possible to notice that his first chronics, written in the years 1920 and 1930 have four main themes: love, literature, memory and daily life.

Keywords: chronic, literature, press.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar reflexões iniciais de uma pesquisa realizada no Arquivo Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) sobre as crônicas do escritor Carlos Drummond de Andrade, publicadas na imprensa brasileira nas décadas de 1920 a 1980. São 1500 textos dispersos em diversos jornais e revistas. Desde muito jovem Drummond escreveu em jornal e só cessou sua colaboração três anos antes de morrer. E, embora a notoriedade que alcançou tenha sido graças à poesia, as crônicas são muito importantes para compreensão da sua obra. Não apenas pela quantidade - escreveu mais de 6000 - mas porque apresentam, de forma coloquial, seu olhar sobre o mundo. Percebe-se na leitura das primeiras crônicas escritas nas décadas de 1920 e 1930, quatro vertentes temáticas: o amor, a literatura, a memória e o cotidiano.

Palavras-chave: crônica, literatura, imprensa.

Poema do Jornal

*O fato ainda não acabou de acontecer
e já a mão nervosa do repórter
o transforma em notícia.
O marido está matando a mulher.
A mulher ensangüentada grita.
Ladrões arrombam o cofre.
A polícia dissolve o mitingue.
A pena escreve.*

Vem da sala de linotipos uma doce música mecânica

* FCRB.

Ao longo de seus 85 anos de vida, Drummond escreveu muito. E não apenas poemas e livros. Ele escreveu intensamente na imprensa. Segundo dados do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa, ele produziu mais de 6000 textos. Sua colaboração com o *Correio da Manhã*, que durou de janeiro de 1954 a setembro de 1969, resultou em 2422 crônicas. No *Jornal do Brasil* para o qual colaborou de outubro de 1969 a setembro de 1984, ele produziu 2304 escritos. Grande parte deste material já foi organizado e catalogado e está disponível para pesquisadores na própria instituição ou no seu banco de dados através da internet. O restante – cerca de 1500 textos – é o que vem sendo organizado e analisado por mim ao longo deste ano.

Neste artigo analisarei as crônicas publicadas nos anos 20 e 30. Mas é importante destacar que em seu acervo de publicações na imprensa há 68 textos da primeira década e 102 da segunda. Da década de 20 quase 30 são poemas, há ainda alguns contos, várias resenhas, um editorial e o restante – cerca de 27 – são crônicas. Eles são assinados de distintas maneiras de Carlos Drummond a pseudônimos como o de Antonio Crispim. Ele assina pela primeira vez como Carlos Drummond de Andrade, em 1924, no poema *Papai Noel às avessas*. Mas continua a assinar também Carlos Drummond e a usar diversos pseudônimos. No próprio *Diário de Minas*, onde estreará na profissão de jornalista, seu primeiro texto será assinado Manoel Fernandes da Rocha, um pouco por vergonha, um pouco por brincadeira, como declarou em entrevista concedida à professora Maria Zilda Cury (1998, p. 145).

A imprensa brasileira mudou muito dos anos 20 para cá. Modernizou-se e ganhou uma feição mais profissional, no final do século XX. O jornal artesanal deu lugar ao jornal empresa. Apareceu o rádio, a televisão e mais recentemente a internet. Com tudo isso muitos veículos desapareceram, tanto nas metrópoles como nas cidades menores. Basta lembrar que apenas naquela década, Drummond escreveu nos seguintes veículos: *A Cigarra*, SP; *Leitura para todos*, RJ; *Novela Mineira*, BH; *Ilustração Brasileira*, RJ; *Para Todos*, RJ; *Diário de Minas*, BH; *Fon-Fon*, RJ; *O Jornal*, RJ; *Estética*, SP; *A Revista*, BH; *A Noite*, RJ; *Terra Roxa e outras terras*, SP; *Revista do Brasil*, RJ; *Verde*, Cataguases, MG; *Correio da Manhã*, RJ; *Revista de Antropofagia*, SP; *Leite Criolo*, BH; *A Ordem*, RJ; *Cidade Verde*, BH; *Brasil-Central*, BH e *Electrica*, Passa Quatro, MG. Vários textos seus, poemas, contos e crônicas foram reproduzidos constantemente em outros órgãos até muitas décadas depois de sua primeira publicação. Na maioria das vezes, sem menção à publicação original.

Da década de 1930, há no acervo do AMLB mais de 70 crônicas, duas dezenas de poemas, algumas resenhas e poucos contos. Neste período, estes serão os quatro gêneros, se podemos definir assim, exercitados pelo escritor e publicados na imprensa. Já é possível notar que cresce a quantidade de textos publicados de uma década para outra, assim como aumenta e muito o número de crônicas e diminui o de poemas. Nos anos 30, Drummond se multiplica.

Assina como Carlos Drummond, Antonio Crispim, Belmiro Borba, José Maria, Gato Félix, Mickey, José Joaquim, X., C., F., além do nome com o qual se tornaria conhecido dali em diante: Carlos Drummond de Andrade. E, a partir de 34, será assim que assinará a grande maioria de seus textos. E neste mesmo ano que o escritor se muda para o Rio de Janeiro, passando a escrever também nos veículos cariocas.

A década de 30 não fica atrás em termos de quantidade de periódicos nos quais Drummond escreveu. São eles: *A Ordem*, RJ; *Estado de Minas*, BH; *Minas Gerais*, BH; *Bazar*, RJ; *A Tribuna*, BH; *Bello Horizonte*, BH; *Surto*, BH; *Diário da Tarde*, BH; *O Jornal*, RJ; *O Jornal*, Montes Claros, MG; *O Cruzeiro*, RJ; *Fon-Fon*, RJ; *Cok-tail*, BH; *O Malho*, RJ; *Cartaz*, RJ; *Boletim de Ariel*, RJ; *Esfera*, RJ; *Diretrizes*, RJ; *Para Todos*, RJ; *Folha de Minas*, BH, *Letras*, Fortaleza; *Estudos*, Fortaleza e *Boa Nova*, RJ.

Ainda que o foco principal aqui seja as crônicas do autor, vale destacar o poema que será um marco na trajetória do poeta: “No meio do caminho” é publicado pela primeira vez na *Revista de Antropofagia*, em julho de 1928. E outro poema também famoso, “Sentimento do mundo”, aparece em *O Jornal* de 26 de maio de 1935. Ainda que as crônicas ocupem cada vez mais os jornais, sua poesia nunca irá desaparecer de suas páginas.

Esta vasta produção de Drummond demonstra que ele nunca se afastou da imprensa e pode ser definido também como um jornalista.

“Sou um jornalista porque a vida
toda estive ligado a jornal. Fui
redator-chefe do Diário de Minas,
onde, com outros companheiros,
fizemos a campanha modernista em
Belo Horizonte e nos divertimos
muito.”

Esta declaração do poeta reforça a idéia de que estas carreiras estão ligadas assim como os textos que seus profissionais escrevem. A jornalista e pesquisadora Cristiane Costa(2005, p. 106) destaca o sentimento de pertencimento do poeta ao jornalismo. Ele diz que a única coisa que fazia com prazer, além da literatura, era jornalismo. Costa como Drummond não vê o exercício jornalístico como um empecilho para o desenvolvimento do escritor, fato apontado por diversos autores. É Drummond (In COSTA, 2005, p. 107-108) que afirma:

“O jornalismo é a escola de
formação e de aperfeiçoamento
para o escritor, isto é, para o indivíduo que
sinta a compulsão de ser escritor. Ele

*ensina a concisão, a escolha das palavras,
dá noção do tamanho do texto, que não
pode ser nem muito curto nem muito
espichado. Em suma, o jornalismo é uma
escola de clareza de linguagem, que exige
antes clareza de pensamento. E
proporciona o treino diário, a
aprendizagem continuamente verificada.
Não admite preguiça, que é o mal do
literato entregue a si mesmo. O texto
precisa saltar do papel, não pode ser um
texto qualquer. Há páginas de jornal que
são dos mais belos textos literários. E o
escritor dificilmente faria se não tivesse a
obrigação jornalística.”*

Drummond acreditava que o jornal era uma boa porta de entrada para o futuro do escritor. Foi exatamente assim com ele. No início da década de 20, começou a publicar seus primeiros textos e a colaborar com o *Diário de Minas*. É de 1921 o seu conto “A estátua do escultor cego” e de 1922 o conto “Joaquim no telhado”, ambos publicados na revista *Novela Mineira*. Este último tirou o primeiro lugar no concurso promovido pela própria publicação. Segundo José Maria Cançado (2006, p. 94), o jovem escritor teria ficado tão satisfeito com o prêmio de 50 mil réis que resolveu nunca mais entrar em concursos literários. E, se ele nunca mais entrou em concursos, nunca mais também saiu dos jornais.

1. A CRÔNICA E DRUMMOND

Aurélio Buarque de Holanda (1999, p.584) confere dois sentidos para o termo crônica. O primeiro é “*texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como tema fatos ou idéias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo etc, ou simplesmente relativos à vida cotidiana*”. E “*seção ou coluna de revista ou de jornal consagrada a um assunto especializado*”. A produção jornalística de Drummond certamente se enquadra na primeira definição e esta se coaduna com a visão de José Marques de Melo (1994, p. 159). Para o professor afirmar que “*a crônica é um gênero jornalístico constitui uma questão pacífica. Produto do jornal, porque dele depende para sua expressão pública, vinculada à atualidade, porque se nutre dos fatos do cotidiano, a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva.*”

Para Jorge de Sá (1987, p. 9), João do Rio foi o cronista mundano por excelência e deu à crônica um aspecto mais literário. A crônica é entendida como um comentário dos acontecimentos por parte de seu autor. Acontecimentos esses reais ou imaginários. E sua fronteira com o conto é tênue. Para Sá, este último apresenta mais densidade, fazendo com que seu autor mergulhe mais na construção de seus personagens. No caso de Drummond, são poucos os contos que publica na imprensa nestas duas décadas. Não chegam a uma dezena e têm características distintas das suas crônicas, tendo mais profundidade e pouco ou nenhum contato com a realidade. Isso porque não abordam assuntos do cotidiano e apresentam uma narrativa mais ficcional.

Aliás, realidade é um dos conceitos-chaves para pensar a relação entre literatura e jornalismo, tendo a crônica um lugar de fronteira, “bebendo” nas duas fontes e produzindo um texto que é mesclado e não “puro”. Alceu Amoroso Lima foi taxativo em afirmar que o jornalismo é um gênero literário. Uma vez que (Lima, 1990, p.37) não se deve considerar a literatura como estética pura ou como ficção. Mas como arte da palavra e, nesse contexto, o jornalismo estaria enquadrado nela. Certamente, destaca, “*Mau jornalismo não é literatura, como tampouco o é uma má poesia ou mau romance. (...) Há literatura que fica e literatura que passa. É uma qualidade independente da natureza do ser.*” Entretanto, cada vez que o jornalismo for apenas (grifo meu) um meio de transmitir uma mensagem, não poderá ser considerado um gênero literário. Para o pensador, o jornalismo tem todos os elementos que lhe permitem entrar no campo da literatura, depende apenas da sua qualidade e não da sua natureza. Assim podemos afirmar que as crônicas de Drummond se situam neste patamar. Ainda que muitas sejam datadas e outras expressem a juventude do poeta nessas duas décadas, seus textos possuem uma ambição maior do que apenas comunicar um acontecimento. Buscam a permanência. Permanência essa expressa na própria atitude do escritor de, não apenas guardar de forma criteriosa e organizada tudo que escreveu desde a mocidade, como doar seu acervo para o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira criado em 1972. E, através de uma crônica escrita no *Jornal do Brasil*, em 4 de janeiro de 1973, procurou estimular outras pessoas a colaborar com a instituição.

*“Colecionador ou não colecionador, que
tenha em casa um retrato, uma carta, um
poema, um documento de escritor
brasileiro digno do nome de escritor, e
pode com ele enulentar(sic) o arquivo-
museu menino, dirigido pelo espírito
público de Plínio Doyle na Casa de Rui
Barbosa: faça um beau geste, mande isso
para São Clemente, 134, e terá oferecido a
si mesmo o prêmio de uma satisfação
generosa.”*

Destaco nesta atitude de Drummond o fato de ele não renegar sua experiência como jornalista, nem sua produção como tal. O cronista que também é poeta registra as sensações usando seus recursos estilísticos, sabendo que a crônica está sempre na fronteira entre o real e o imaginado. Perguntado em entrevista o que achava de ser cronista e se era melhor ser poeta, Drummond responde: “*O cronista obedece à folhinha e ao relógio; o poeta é um animal livre do tempo: faz o que quer, quando quer. Mesmo como cronista, porém, não me preocupo demasiado com a atualidade quente; salvo quando acontece algo muito importante.*”.

Fica evidente neste depoimento a importância da categoria tempo para o cronista. Ele é um tipo “especial” de jornalista. Em uma pesquisa anterior sobre a construção da identidade do jornalista (Travancas, 1993, p. 34-35) chamei a atenção para o fato de o tempo ser fundamental para a definição do conceito de notícia e também para a identidade deste profissional que corre atrás dele e não é dono do seu tempo. Vive subordinado aos fatos, à rotina da redação e, portanto, como falou o poeta, dependente do relógio e da folhinha. Isso porque o jornalismo, em especial a reportagem, não pode ser previsível. Ele se funda no acontecimento inesperado e imprevisto.

É percebi, a partir desse trabalho inicial, o quanto há um Drummond jornalista que está sempre escondido atrás do Drummond poeta. Esse duplo não me parece contraditório, como seus depoimentos comprovam. Ele percebe uma relação de complementaridade e não considera sua experiência jornalística como algo menor ou um mero “ganha pão”, como muitos críticos costumam afirmar. Arriscaria mesmo dizer que a sua obra poética está impregnada dessa experiência intensa de proximidade com a realidade. A poesia “Sentimento do mundo” que é publicada em *O Jornal*, em 1935, evidencia isso. E ao falar da guerra demonstra o quanto está contaminada pela realidade, como se pode observar na primeira estrofe:

*“Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor”*

É por causa desse estreito contato com a realidade, característica fundamental do jornalismo, que escolhi analisar neste artigo a vertente temática que trata do cotidiano nas crônicas de Drummond dos anos 20 e 30. Deixando assim para outra ocasião abordar os temas: amor, literatura e memória.

2. DRUMMOND JORNALISTA - OS ANOS 20 E 30

A década de 20 é a fase em que o escritor sai de Itabira, cidade natal e passa a morar na capital, Belo Horizonte. O jovem rapaz que já escrevia e era assíduo leitor de jornais resolve ir bater na porta do *Diário de Minas*, onde é bem recebido e começa a publicar seus primeiros trabalhos. A partir de então, com apenas 19 anos, começa sua carreira de jornalista e escritor. Passa a escrever com maior frequência e começa a mandar seus textos para outros veículos. São contos, poemas, resenhas e crônicas. Suas crônicas estão impregnadas de realidade e juventude.

Um de seus temas prediletos é a literatura, os livros e os escritores. Comenta sobre livros recém-lançados, com toda a franqueza e crítica de um jovem ousado de 20 anos. Um exemplo expressivo dessa sua atitude e de seu estilo naquela época é a crônica publicada em 26 de outubro de 1924, no *Diário de Minas*, intitulada “Anatole France”. É um texto escrito em virtude da morte do escritor francês. Entretanto, não se trata de um artigo elogioso ou que endeuse o pensador. Ao contrário, seu texto tem a força de uma verve impiedosa e feroz. Cito alguns trechos.

“Anatole perdoava mais as próprias faltas que as alheias.”(...) Anatole France foi um cérebro limitado. De resto, não há prisão mais estreita que o scepticismo, sua prisão voluntária até a morte.”

E encerra seu texto dizendo: “*De Anatole podemos dizer sem grande injustiça: foi um grande escriptor e um amável espírito, mas teve o seu relógio atrasado.*” É uma crônica muito distinta do que se produzia então, onde os amigos eram elogiados e os inimigos criticados, na grande maioria das vezes, em tom emocional ou passional. Drummond dissecava de maneira racional o legado do escritor Anatole France, fugindo da construção de um texto panegírico ou laudatório. O então jovem de 22 anos tinha idéias próprias e um estilo como cronista que irá se aprimorar. Seus textos dessa época ainda não incorporaram a sua máxima de que “*escrever e cortar palavras*”. Ao contrário, são extensos, com alguns termos rebuscados, nem sempre coloquiais, mas sempre muito pessoais. Seu ponto de vista particular começava a aparecer como uma de suas marcas.

A Semana de Arte Moderna de 1922 e o movimento modernista foram um acontecimento marcante desta década e Drummond não foi indiferente a ele. Tomou posição, escolheu seu lado e defendeu-o com afinco. Em 14 de dezembro de 1925 escreve em *O Jornal* na seção “O Mez Modernista”, “O mez modernista que ia ser futurista”. Nessa crônica, o escritor fala do Manifesto

Pau Brasil e do novo livro de Oswald de Andrade. Novamente Drummond assume um ponto de vista pessoal. Chama Oswald de amigo, critica sua poesia, fala que seu manifesto é engraçado, inútil e significativo e, à medida que analisa o trabalho do “homem do pau brasil”, chama a atenção para sua importância. Um texto crítico, sem ser raivoso. Elogia o que acredita ser mérito do escritor e, principalmente, destaca sua importância no cenário nacional. Tudo isso com a segurança dos seus 23 anos...

Para Drummond, Oswald “*hoje é um dos nossos bons poetas, si bem que não entende uma palavra de anatomia do verso. Não passou pelo serviço militar da métrica. Ora, eu acho isso quase indispensável.*” Embora o escritor afirme que o trabalho no jornal está submetido ao tempo e que como poeta é livre. Nota-se uma grande liberdade para dar sua opinião livremente, mesmo na crônica. Termina seu texto afirmando que este livro de Oswald de Andrade é bem melhor que o anterior, mas que espero vê-lo “*escrevendo como nós*”, com simplicidade e enfatiza que o autor está se sacrificando para que no futuro se tenha “*uma poesia com cor e o cheiro do Brasil*”. Está é uma época de muitas polêmicas e os modernistas serão muito atacados. Drummond irá defendê-los em muitas crônicas, principalmente nas próximas décadas.irá esmiuçar sua filosofia, suas obras, ressaltando sua importância em textos que serão verdadeiros ensaios literários. Por ora, é como ele aproxima o leitor do tema.

Há crônicas nessa fase muito mais próximas da ficção e do conto do que nas décadas seguintes, como é o caso de “História simples que recomeça...” de 1922, de “O homem que andou muito...”, de 1923 e “Eu, escriptor...”, de 1925, todas três publicadas na *Ilustração Brasileira*. Todas ilustradas e ocupando uma página inteira. Vale lembrar que os jornais e revistas da década de 20, são muito distintos dos atuais. Fossem os textos poemas, contos ou crônicas eram acompanhado de belas e delicadas ilustrações e apresentavam uma grafia da língua portuguesa antiga. Por outro lado, havia muitos erros de tipografia, - alguns deles corrigidos a caneta pelo próprio Drummond -, tinham uma tipologia e um espaço entre linhas muito menores do que os de hoje em dia.

Uma das últimas crônicas da década de 20 que aborda um acontecimento do cotidiano dá ao leitor a sensação de ambigüidade. Ele não sabe se o fato é real ou se faz parte da imaginação de seu autor. Trata-se de *Enterro na rua pobre*, publicada em *Bello Horizonte*, em 1929. Drummond narra o enterro da esposa de um trabalhador, em seus detalhes. Das pessoas que vão chegando às crianças que enchem a rua, descrevendo o ambiente e o viúvo, com barba por fazer, uma roupa já usada e sem gravata. O tom é melancólico, não apenas por causa da morte, mas pela pobreza dos que compõem a cena. Drummond faz uma crônica onde relata um enterro como qualquer outro, de uma família como qualquer outra, em um bairro como qualquer outro, em uma cidade como qualquer outra. Enterros como esse se repetem em todos os lugares. O que sua crônica

faz, com seu toque de lirismo reflexivo, é chamar a atenção do leitor para a condição humana a partir de um pequeno acontecimento, que poderia passar despercebido ou ser considerado insignificante. Ela estabelece um diálogo com o leitor, como destaca Sá(1987, p. 11), onde há um equilíbrio entre o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como o elemento provocador de outras visões do tema. Essa é a força da crônica do escritor que traz sua poesia para o texto do jornal.

Para Cançado é na década de 30 que nasce o Drummond cronista. Mas ele já vinha se exercitando no gênero. A década reúne um número muito maior de crônicas do que a anterior, assim como são inúmeras as suas assinaturas. É assinando Antonio Crispim que redige muitas delas no jornal *Minas Gerais*. E dois personagens do cinema passarão a ter presença cativa nas crônicas e na vida de Drummond: Greta Garbo e Carlitos. À atriz dedica a crônica de 18 de maio de 1930, na qual sugere a outros cronistas Greta Garbo como assunto.

“Conselho aos cronistas mundanos e a outras pessoas que têm obrigação diária de encher um palmo de coluna: quando estiverem completamente sem assunto, escrevam sobre Greta Garbo. Porque Greta Garbo é um assunto sempre novo, ou pelo menos que convenciamos ser sempre novo. Todo mundo gosta de Greta Garbo.”

Ele revela seu encantamento pela atriz dizendo ser difícil defini-la. Essa crônica sobre Greta Garbo, ainda que estreitamente ligada à atualidade daquele momento, ao cinema holywoodiano dos anos 20, não ficou datada, nem perdeu seu sentido. Ele permaneceu, assim como Greta Garbo permaneceu como um mito na vida do escritor. Aliás o cinema, seus lançamentos e estrelas foram tema recorrente das crônicas publicadas no jornal de Belo Horizonte. No texto “Da velha cidade”, de 1931, Drummond fala do cinema Pathé, dos cartazes do cinema mudo, dos atores e das atrizes dos anos 20, das sessões Fox no Odeon, da vida na cidade onde os bondes e as bicicletas se cruzavam nas ruas. Um tempo que passou e do qual o poeta se recorda com nostalgia.

Carlitos é outro personagem que fascina Drummond. Eu diria que há quase uma identificação do autor com esse personagem também *gauche* na vida. Segundo ele triste, um pouco por natureza, um pouco pelo que os críticos e artistas ao discutirem-no, acrescentaram à sua personalidade. E comenta:

“O ‘crescimento moral’ de Carlitos faz-me pensar nesse ser estranho que é o artista, criador de mundos e criatura ele próprio, tão sujeito às leis do mundo exterior, ao seu sistema de influências e

pressões, como os seres que a sua imaginação tirou do nada e pôs no papel, no palco ou num pedaço de tela.”

É a reflexão sobre o cotidiano do leitor, dos personagens cinematográficos que povoam seu imaginário e sua realidade. Carlitos era uma novidade e logo Drummond percebeu sua força. Sabia que era uma dessas figuras do cinema que veio para ficar. E hoje, em pleno século XXI, podemos, em retrospectiva, avaliar o quanto esse personagem foi símbolo da entrada na modernidade, da transformação vivida no século XX. Da passagem de um mundo romântico, artesanal para um mundo onde a lógica que reina é a do individualismo e da industrialização. Uma mudança que Drummond viveu e descreveu então com quase 30 anos.

Individualidade e modernidade são tema de outra crônica da época “A casa inhabitável”. Nela Drummond fala da casa de vidro construída pelo arquiteto Pierre Chareau e discorre sobre o significado da casa como espaço de intimidade e refúgio da rua. A seu ver, essa novidade é um equívoco por transformar a casa e seu habitante em um ser sem mistério e sem intimidade, onde seus atos e palavras podem ser controlados pela multidão. E comenta sobre esse tipo de casa no Brasil.

“Num paiz de escassa curiosidade, como o Brasil, onde quase não há comadres, o inconveniente é pequeno, e talvez, se possa viver mediocremente entre essas laminas de crystal polido. Mas aflige-me a lembrança desses povos de educação menos aprimorada que a nossa, que já tinham o péssimo costume de espiar pelo buraco das fechaduras e agora espiarão pela superfície das paredes, do solo ao tecto.”

A casa de Pierre Chareau tornou-se uma referência na arquitetura moderna, e nem tudo era tão visível como fazia crer Drummond em sua crônica. Entretanto, é fácil imaginar o que diria o poeta dessa casa transformada em programa de televisão e com enorme audiência, como é o caso de *Big Brother Brasil*.

Outro tema recorrente nas crônicas do escritor mineiro ao longo de décadas é o Natal. Estreitamente vinculado ao calendário ocidental e ao cotidiano, ele será assunto de inúmeros textos entre contos, poemas e crônicas. Em 1932 aparece em *Bazar*, a crônica “Natal U.S.A. 1931”. Ela fala da obrigação do escritor de todo ano fazer um poema sobre o Natal. E dá sua receita, uma receita que, a meu ver, mistura um pouco da prática jornalística com a sensibilidade do poeta.

*“Viajar as ruas, escrutar longamente,
policialmente as lojas de brinquedos. Indagar das
novidades em brinquedos mecânicos, procurar os
sentimentais: Carlito e o seu arqidoloroso estado
de inocência. Fazer a estatística dos pais felizes e
das mães enternecidas. Oferecer-se para carregar
os embrulhos maiores; não esquecer as casas de
frutas, que se derramam pelas calçadas;(...)*

Ela me fez lembrar o livro do jornalista Ricardo Kotscho (1986, p. 12-13) sobre a prática de reportagem. Nele Kotscho explica em que consiste o trabalho do repórter. *“Com pauta ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia.”* Comenta as vezes em que estava sem assunto e saiu para rua, sem destino certo e não lembra de ter voltado para a redação algum dia sem matéria. É parecida com a perspectiva do Drummond para a crônica natalina. O cronista deve ir para rua e buscar a “sua” notícia.

O curioso dessa crônica do escritor é o seu desfecho. Depois de dissertar sobre os preparativos natalinos, Papai Noel, os diferentes tipos de Natal, europeus, norte-americanos, termina dizendo que nenhum poema é superior ao telegrama anônimo de Nova Iorque. O texto fala dos acidentes mortais que ocorreram, do número de acidentes ferroviários, do incêndio em um hotel e dos mortos por envenenamento. Novamente o retorno à notícia e à informação que invadem a crônica e trazem a marca triste da realidade.

Mais uma vez o fato é o gancho para uma das últimas crônicas de Drummond na década de 30. Seu título *“Ternura diante de um retrato”* já aponta para o sentimento do poeta diante de uma foto. Trata-se da foto do menino Edival, de cinco anos, que era aspirante a soldado do Corpo de Bombeiros e morreu em consequência de um incêndio. O autor fala da descoberta da foto do menino nas páginas do jornal e expressa o seu impacto. A seu ver, não foi a morte em si que o comoveu, nem o menino em si, uma vez que não o conhecia. O que despertou sua ternura foi seu sorriso. *“Edival sorri para a vida, para o fotógrafo e para a morte, de que ele não tem o obscuro pressentimento. (...) Para nós, ele começou a existir agora, e viverá cinco minutos.”* Drummond acha seu sorriso perfeito e afirma que sua fotografia são suas obras completas. E encerra dizendo que seu sorriso é convite à amizade, mas um convite que chegou atrasado.

O tema da crônica não foi apenas retirado do cotidiano, saiu das próprias páginas do jornal e a elas retornam agora em outro formato. Como um círculo que se fecha em torno da foto de um sorriso de criança. Uma vez mais se nota a capacidade do poeta de dar à realidade a sua leitura pessoal. É a vida virando notícia de jornal, virando literatura, virando memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior e bastante extensa, que abrange todos os textos publicados na imprensa por Carlos Drummond de Andrade de 1920 a 1980. Este artigo traz informações e uma análise inicial sobre as crônicas do escritor dos anos 20 e 30. Foi possível tirar algumas conclusões, ainda que circunscritas a esse período e a esses textos.

Um dos primeiros aspectos a destacar é a intensidade da produção jornalística de Drummond que, além de ter escrito regularmente durante dois longos períodos para o *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*, escreveu muito para os mais diferentes veículos. Para revistas culturais, jornais de Colégio, jornais da grande imprensa, da pequena, de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Dá para perceber o fôlego de iniciante, ávido para fazer com que seus escritos se tornassem conhecidos e ele pudesse se afirmar como escritor.

Por outro lado, como já destaquei ao longo do trabalho, há um vínculo estreito de Drummond com a carreira jornalística. Ela não foi apenas um “rito de passagem” para sua entrada nas letras. Foi, a seu ver, uma importante escola, um local de aprimoramento do texto. Texto esse que é produzido em condições específicas de tempo e condicionadas à realidade cotidiana. Drummond até o final da vida valorizou o trabalho que realizou nos jornais e fez questão de guardar, de forma bastante organizada, toda a sua produção.

Nestas duas décadas quatro temas se destacaram e dividem os textos redigidos pelo poeta. Nesse artigo, procurei me concentrar nas crônicas relacionadas ao cotidiano, enfatizando o aspecto jornalístico destes textos. Entretanto, em trabalhos futuros, pretendo analisar as outras três vertentes temáticas: o amor, a literatura e a memória, assim como tratar também dos poemas, contos e resenhas. Cada um desses gêneros, assim como cada um dos assuntos, merece uma reflexão específica e aprofundada.

Por fim, gostaria de enfatizar a importância da catalogação de toda essa vasta produção drummondiana realizada pelo Arquivo-Museu de Literatura Brasileira e chamar a atenção para a multiplicidade de tipos de texto escritos pelo poeta, que poderão fornecer uma visão mais complexa da sua obra, cuja vertente mais estudada e valorizada é a da poesia.

REFERÊNCIAS

- BRAYNER, S. (org.) (1977). **Carlos Drummond de Andrade**. Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL. v. 1.
- CANÇADO, J. M. (2006). **Os sapatos de Orfeu**. Biografia de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Globo.

- COSTA, C. (2005). **Pena de aluguel**: escritores e jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras.
- CURY, M. Z. F.(1998). **Horizontes modernistas**: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal. BH: Autêntica.
- Fundação Casa de Rui Barbosa – Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. **Inventário do Arquivo de Carlos Drummond de Andrade**.(1998) Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa.
- HOLANDA, A. B.(1999). **Novo Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- KOTSCHO, R. (1986). **A prática da reportagem**. . São Paulo: Ática.
- LIMA, A. A. (1990). **O jornalismo como gênero literário**. . São Paulo: EDUSP.
- MELO, J. M. de. (1982). **A opinião no jornalismo**. Petrópolis: Vozes.
- OLINTO, A. (1968). **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro.
- PY, F. (2002). **Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade (1918-1934)**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2 ed., revista e aumentada.
- SÁ, J. de. (1987). **A crônica**. São Paulo: Ática.
- TRAVANCAS, I. S. (1993). **O mundo dos jornalistas**. . São Paulo: Summus Editorial, 3 ed.
- _____.(2001). **O livro no jornal**. . São Paulo: Ateliê Editorial.
- WERNECK, H. (1992). **O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais**. São Paulo: Companhia das Letras.